Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

A RETOMADA CULTURAL NO CONTEXTO DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

Uma Literatura de Combate na *Revista Mensagem*

THE CULTURAL RETURN IN THE CONTEXT OF ANGOLA'S INDEPENDENCE

A Combat Literature in the *Mensagem Magazine*

RANNYELLE TEIXEIRA[1]

RESUMO

O presente artigo reflete sobre uma literatura de combate que tem como foco principal evidenciar a luta do povo angolano em prol de uma independência fazendo uso tanto dos corpos como das letras para quebrar com o domínio colonial português em Angola. As fontes que serão utilizadas fazem parte da revista *Mensagem* por meio dos contos e poesias em suas dimensões sociais, culturais e simbólicas. O recorte temporal do artigo delimita-se aos anos em que a revista foi publicada entre 1950-1952. A abordagem metodológica de leitura e análise dessa fonte tem como influência a abordagem da autora Suely Rolnik. Para melhor articulação deste artigo, será mantido um diálogo com as proposições teóricas de Michel Foucault, David Le Breton e Yi-Fu Tuan. Diante disso, a revista *Mensagem* foi um dos mecanismos essenciais para a transformação do contexto cultural angolano, ao passo, que evidencia o cotidiano de uma população que sofreu com a colonização portuguesa. Podendo ser vista também como a construção de um novo espaço territorial e simbólico na geografia dos afetos que valoriza através de falas denunciantes toda uma realidade estereotipada pelos olhos do colonizador português.

Palavras-chave: Angola. Independência. Cultura. Espaço-corpo.

ABSTRACT

This article reflects on a combat literature that has as its main focus to highlight the struggle of the Angolan people for independence, using both bodies and letters to break the Portuguese colonial rule in Angola. The sources that will be used are part of the *Mensagem* magazine through stories and poetry in their social, cultural and symbolic dimensions. The time frame of the article is limited to the years in which the magazine was published between 1950-1952. The methodological approach of reading and analyzing this source is influenced by

[1] Doutoranda em História e Espaços pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ranny-elly@hotmail.com.

the approach of the author Suely Rolnik. For a better articulation of this article, a dialogue with the theoretical propositions of Michel Foucault, David Le Breton and Yi-Fu Tuan will be maintained. Therefore, the magazine *Mensagem* was one of the essential mechanisms for the transformation of the Angolan cultural context, at the same time that it highlights the daily life of a population that suffered from Portuguese colonization. It can also be seen as the construction of a new territorial and symbolic space in the geography of affections that values through denouncing speeches a whole stereotyped reality through the eyes of the Portuguese colonizer.

Keywords: Angola. Independence. Culture. Body-space.

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre o longo período colonial em que a África portuguesa ficou sob domínio português, é preciso, primeiramente, dar vozes aos novos sujeitos históricos, sobretudo no que diz respeito à luta armada contra o controle colonial. Os sujeitos históricos retratados nos poemas apresentados no presente texto são homens e mulheres que viviam um cotidiano envolto na miséria, na violência e a na exploração do regime colonial. Assim, irei analisar a colônia portuguesa em África, Angola, no período equivalente à segunda metade do século XX.

Tendo como objetivo conhecer uma literatura de combate que se configura através de uma literatura de apelo para a formação de grupos militantes no campo cultural e social. Ou seja, originava-se uma literatura de combate pelo povo que esteve ligada à guerrilha. Assim, desenvolvia-se em Angola um fenômeno literário idealizado por um grupo de jovens que faziam da literatura uma das suas principais armas de combate contra o regime colonial.

Ao passo que quebra em grande parte com a produção historiográfica daquele continente que por muitos séculos viveu na obscuridade e que suas escritas estavam restritas ao colonizador - o homem branco que era visto como o único detentor de conhecimento. Grande parte da literatura angolana precisamente do final do século XX tem se revelado de forma significativa sobre o processo de independência nacional naquele país. O recorte espacial e temporal equivale ao território angolano entre os anos de 1950 - 1952.

Para a elaboração deste artigo será aplicada a abordagem metodológica da autora Suely Rolnik em sua, *Cartografia sentimental* (2014), tanto para a análise quanto para as leituras das fontes. A revista *Mensagem,* como uma das

fontes essenciais aqui apresentada, propunha-se a realizar uma compilação das tradições culturais africanas, além da busca por uma identidade e ancestralidade que se daria por diversas vias de representações.

Tinha também uma pretensão de abrir novos caminhos dentro de movimento de conotação literária para exaltar o sentimento do povo negro. Portanto, será por meio das análises dessas rubricas, desses relatos que poderemos enxergar o corpo negro como resistente ao domínio branco. A atuação do homem negro por meio dos versos pode ser lida como e, por consequência, da formulação, assim como, a demarcação dos espaços angolanos nos quais estariam em evidência toda a retomada cultural angolana e a valorização de seu povo.

Partindo desses elementos cruciais em que se identificam os primeiros passos para que esses países africanos, por fim, alcancem a independência. Assim, será através da literatura que um desses caminhos se concretiza e se torna um dos mais eficazes para alcançar êxito. Não pretendo focar nesse artigo um olhar do colonizador perante o colonizado ou vice-versa, mas sim me deter aos aspectos específicos, ao cotidiano de angolanos e angolanas em que a literatura de combate nos permita conhecer. Será pela revista *Mensagem*[2] o local de fonte onde irei explorar três contos sobre essas realidades. Serão analisados os contos correspondentes aos Anos 1 e 2, Números 1-2/4, outubro de 1952 sendo eles Eme Ngana Eme Muene do Mário Pinto de Andrade[3]; Namoro de Viriato da Cruz[4] e Cipaio de Mário António Fernandes de Oliveira[5].

Para uma breve apresentação, a revista *Mensagem* foi idealizada pelos

2 Revista *Mensagem* – Órgão mensal da Casa dos Estudantes do Império de periodicidade trimestral, possuía em torno de 15 páginas era impressa em Lisboa, pois em Angola as condições ainda eram deficitárias em questões tipográficas.

3 Mário Pinto de Andrade - nasceu em Angola, no Golungo Alto, em 21 de agosto de 1928, no seio de uma das mais antigas e respeitadas famílias de Luanda, sendo filho de Cristino Pinto de Andrade, funcionário público e um dos fundadores da Liga Nacional Africana. Em 1953 organiza o "Primeiro Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa". No ano seguinte, em resultado do seu crescente empenhamento político, exila-se em Paris. Posteriormente, foi redator da "Presence Africaine" (após 1955), e um dos organizadores do I Congresso de Escritores e Artistas Negros. Em 1958, juntamente com Viriato da Cruz, representou Angola na I Conferência de Escritores Afro-Asiáticos em Taschkent, URSS. Com a criação do MPLA em 1960, assume a sua presidência, que ocupa até 1963. Entre 1965 e 1969 coordenou a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, tendo papel preponderante na denúncia do colonialismo e nas tentativas de definição de estratégias concertadas por parte da FRELIMO, MPLA e PAIGC.

4 Viriato da Cruz - foi um político, escritor angolano e membro do MPLA.

5 Mário António Fernandes de Oliveira – foi um poeta angolano.

membros intelectuais de 1950, a revista foi inscrita no campo literário e, sobretudo foi defensora da poesia como instrumento de análise e de crítica a respeito do cenário da época, propondo-se a cumprir uma função social de manter uma postura progressiva. Seus colaboradores faziam parte do grupo de escritores basilares da literatura angolana tais como Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, Eduardo Castelbranco, Agostinho Neto, Alda Lara, António Jacinto, Mário António Fernandes de Oliveira, José Craveirinha, Bandeira Duarte, António Neto, Noémia de Sousa, José Mensurado, Ermelinda Pereira Xavier, Óscar Ribas, entre outros. Esse conjunto de intelectuais, anos mais tarde, seriam consagrados como os grandes ícones do cenário cultural africano. Mesmo que o periódico tenha tido curta duração (1950-1952), ele foi capaz de influenciar o desenvolvimento cultural de Angola, assim como toda sua política.

Os poucos anos de publicação da revista se justifica pela forte repressão de censura imposta pelo Estado Novo que foi um regime autoritário e antiparlamentarista implementado em Portugal entre 1933 - 1974 por António Salazar, período chamado de salazarismo. O material publicado era um denunciante por parte dos seus colaboradores. Segundo Ramos (2017), a revista foi lançada em 1951 partindo do objetivo de se construir a "Nova Cultura de Angola". Assim, passando a assumir as propostas do movimento, *Mensagem* teria como missão a revelação da angolanidade subjacente. Seria, a revista, pois, a porta-voz das aspirações, dos anseios e dos desejos que partiam dos angolanos, pois esse poder simbólico estava inserido no corpo intelectual da revista.

A geração dos intelectuais escritores da década de 50 concentraram suas temáticas no plano da crítica conduzida pelo olhar sensível as causas coloniais, políticas, sociais e econômicas, como também, as elites de poder, procurando deixar de lado a herança do tardio colonialismo europeu. Os intelectuais escritores daquele país testemunharam uma viragem histórica participando direta ou indiretamente do processo revolucionário.

A consciência da africanidade foi um passo importante para o esclarecimento das atitudes face ao continente europeu, pressupondo novos caminhos a favor de uma construção de identidade, de uma nacionalidade. Essa afirmação da africanidade que nutre a partir dos principais conceitos da

Negritude os quais irei me concentrar pelos formulados por Aimé Césaire que apresenta homens e mulheres a partir do enaltecimento das suas qualidades e potencialidades perante a negação que delas faziam os europeus. Dessa forma, a africanidade, a Negritude combate ao etnocentrismo e a dominação colonial.

O diálogo com os teóricos que fundamentam o texto proporciona reflexões importantes para entender os principais conceitos trabalhados como: espaço, corpo. Assim como, o contexto colonial angolano. A obra da autora Amanda Palomo Alves (2015), *"Angola segue em frente"*: um panorama do cenário musical urbano de Angola entre as décadas de 140-1970, lança novos olhares para a história recente de Angola que valoriza novas fontes que até então eram pouco valorizadas pela historiografia que trata do estudo daquele país.

Outro autor que ganha destaque é Yi-Fu Tuan (2013), *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência, o autor nos convida a analisar categorias geográficas e nos convida a refletir sobre como espaço e lugar estão interligados e devem ser tratados como elementos do ambiente. Entra em cena também Michel Foucault (1994), *O corpo utópico, as heterotopias*, a obra traz contribuições emblemáticas para o debate sobre corpo e espaço. Ao passo que evidencia o corpo no centro do mundo.

No que se refere a contextualização irei considerar como a postura literária presente nos intelectuais e na política passou a ganhar contornos importantes no contexto de independência dos países africanos. As lutas em prol da liberdade foram criadas por um grupo de negras e negros colonizados, ganhava notoriedade aqueles africanos e africanas que tinham algum destaque social quer pela formação educacional, quer pela família de prestígio que tinham conscientização e engajamento nas lutas anti-imperialistas. É preciso citar alguns dos principais partidos que deram o ponta pé inicial para uma organização das ideias e das posturas que deveriam ser respeitas. Cito o MPLA[6] (Movimento Popular de Libertação de Angola) que não muito diferente dos demais movimentos presentes em outros territórios africanos teve como seus representantes, mulheres e homens comprometidos com o projeto nacionalista

6 MPLA – Conhecido como Movimento Popular de Libertação de Angola é um partido político Angolano, que governa o país desde sua independência de Portugal em 1975. Foi, inicialmente, um movimento de luta pela independência de Angola, transformando-se num partido político após a Guerra de Independência de 1961-74. Um dos seus fundadores foram Agostinho Neto e Viriato da Cruz.

e na formação político-intelectual. Surge então uma geração de intelectuais que seria conhecida como Geração de 1950 e logo em seguida emerge o Movimento " Vamos descobrir Angola[7]".

1. ANGOLA: UM ESPAÇO VIVO NAS CARNES E NAS LETRAS

O ano era 1950 e com ele as transformações foram sentidas literalmente na pele, nas carnes dos angolanos e angolanas. O mundo de uma forma geral vivia a busca por novos ares e eclodia em determinadas sociedades o surgimento de movimentos sociais como, por exemplo, o movimento gay, o movimento feminista, o movimento negro. Em Angola, o clima também era de tensão. O despertar por uma identidade, uma nacionalidade, uma liberdade fez dos angolanos e angolanas donos de sua própria história. Seguindo os passos do resto do mundo as transformações no espaço angolano passaram a ser reivindicadas mesmo que por uma iniciativa da elite e se daria o ponta pé inicial para a sua independência.

A Angola da década de 50 estava marcada por estratificações sociais onde os espaços estavam demarcados entre brancos, negros, assimilados, indígenas e tudo isso vai refletir em conflitos externos e internos. Os confrontamentos das etnias estavam presentes na sociedade, na base dos movimentos nacionalistas angolanos que ganham relevância naquele momento durante a guerra anticolonial, por exemplo, MPLA[8], UNITA[9], FNLA[10], entre outros. Essa crise social contribuiu para a construção da nação em Angola e

7 Em 1948 aqueles jovens negros, brancos e mestiços que eram filhos da terra, filhos do país, iniciavam em Luanda o movimento cultural "Vamos Descobrir Angola!", com o intuito de estudar a terra que lhes fora berço, aquela terra que eles tanto amavam e mal conheciam. Este movimento "Vamos Descobrir Angola!" incitava os jovens a redescobrir o país em todos os seus aspetos, através de um trabalho coletivo e organizado; apelava à produção literária dirigida ao povo; exigia a expressão dos sentimentos populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse qualquer concessão à sede de exotismo colonial.

8 MPLA - O Movimento Popular de Libertação de Angola é um partido político Angolano, que governa o país desde sua independência de Portugal em 1975. Foi, inicialmente, um movimento de luta pela independência de Angola, transformando-se num partido político após a Guerra de Independência de 1961-74. Foi fundado em 10 de dezembro de 1956 por Viriato da Cruz e Agostinho Neto.

9 UNITA - A União Nacional para a Independência Total de Angola, mais conhecida por seu acrónimo UNITA, é um partido angolano, fundado em 1966, por dissidentes da FNLA e do GRAE, de que Jonas Savimbi, fundador da UNITA, era ministro das relações exteriores.

10 FNLA - A Frente Nacional de Libertação de Angola é um movimento político fundado em 1954, com o nome de União das Populações do Norte de Angola, assumindo em 1958 o nome de União das Populações de Angola, sendo fundado por Holden Roberto. Em 1961, a UPA e um outro grupo anticolonial, o Partido Democrático de Angola, constituíram conjuntamente a FNLA.

essas mudanças repercutiram na prática social e na modelação cultural. Mas aqui cabe um questionamento: Até que ponto essa construção de nação beneficiou a população mais carente? Esse projeto nacionalista da elite angolana se aproximava daquilo que os portugueses estavam a todo momento querendo impor?

Os portugueses também faziam parte desse espaço angolano e durante o colonialismo seu papel não foi apenas político e militar, mas também econômico e social. Com a instalação da PIDE (Polícia Política Portuguesa) em 1950 todos os tipos de violências e repressões eram direcionados aos angolanos que iriam de contra ao regime político do Estado Novo português. Com o passar do tempo o que era considerado colônia passou a ser chamado de província por volta de 1955. Ciente dos acontecimentos, muitos angolanos e angolanas, principalmente, os que estavam localizados nos centros urbanos passaram a sentir na carne a necessidade de lutar e foi por meio das letras que essa luta se iniciaria consolidando uma revolução feita por canetas, por papeis e não em trincheiras.

Para a autora Alves (2015), a sociedade angolana foi um resultado do processo de colonização. Em seu território o impacto da presença portuguesa foi sentido de diversas maneiras e em distintos espaços. Luanda foi fundada em 1576 pelo português Paulo Dias de Novais. A região onde se estabeleceu a cidade era ocupada pelos Quimbundos. Angola fica na costa oeste do continente africano, banhado pelo oceano Atlântico, ponto de passagem para as embarcações que seguiam para o comércio ultramarino da Europa para a Ásia.

A localização geográfica de Angola possibilitou durante muitos séculos a ser vista como uma formação de um centro militar, onde chegavam novas tropas da metrópole e de onde partiam para o interior. Além de servir como abastecimento de escravos que em sua maioria eram enviados ao Brasil e todo esse tráfico de escravo marcou a fisionomia da cidade. Segundo Pepetela (1997), a formação do espaço territorial de Angola no século XVII estava dividida entre Cidade Alta e Cidade Baixa. Na Cidade Alta se concentrava as pessoas que tinham um certo poder aquisitivo, poder político, militar, religioso junto aos serviços administrativos e judiciais. Esse espaço também era o centro de poder espiritual em que continha grande número de igrejas e conventos. Na parte Baixa

da Cidade se concentrava a área comercial, as tabernas, algumas oficinas, as atividades do porto e, sobretudo onde ficavam as residências dos traficantes. Fica claro que essa divisão da cidade entre Cidade Alta e Cidade Baixa representava o projeto colonial reforçando a estratificação social que o projeto visava.

Visando povoar a cidade de Luanda, a coroa portuguesa percebe que o interesse dos cidadãos da metrópole em ir até Angola não foi tão procurado e buscando solucionar esse problema a coroa enviava para lá criminosos de delitos comuns e os de caráter religioso, no caso, os judeus e protestantes. Identificamos que a ida de mulheres foi quase inexistente e esse fato teve como consequência a grande mestiçagem desde o início da colonização que vinham a ter implicações culturais importantes. Vários elementos podem estar relacionados ao fato da pouca ou quase inexistência de mulheres portuguesas em Angola, por exemplo, as doenças, o clima, os colonos que embarcavam em Angola mal possuíam condições financeiras.

O início do século XX foi de intensa dominação colonial europeia na África. As características próprias do colonialismo português estavam no poder desde 1926 e suas colônias apresentavam um certo atraso com uma economia limitada ao monopólio, nenhuma estrada ou linha férrea. Segundo Valter Silvério (2013), ao longo dos anos até 1950, Portugal considerava suas colônias africanas como províncias portuguesas de além-mar. Assim, os portugueses mantinham uma política que consistia em preservar por todos os meios a integridade do seu Império. E, como os portugueses estavam determinados a conter qualquer agitação anticolonial, foi somente nos anos de 1950 que começaram a surgir os partidos políticos em prol da independência em Angola.

Como se sabe, Angola foi território português, *província* ou *colônia,* segundo os termos que eram aceitos em certas épocas. Seus habitantes naturais eram tratados como indígenas pela origem e pretos pela cor (negro – era pouco falado), sem que isso tivesse, para além do mero e exato sentido descritivo, qualquer intenção depreciativa.

Existiu, em Angola, o "mundo dos pretos" e o "mundo dos brancos" e todas essas disparidades de mundos comprovam que eles viviam realmente separados refletindo perfeitamente as vivências nos dias de hoje de todos os

reflexos da guerra colonial. Entre o "mundo dos pretos" e o "mundo dos brancos", floresceu a mestiçagem, uma probabilidade alta diante do comportamento do homem português em todos os lugares em que se fixaram. Os grupos formados pelos negros e mestiços ganhavam força com o decorrer do tempo e Angola vai se formando por entre ruelas, guetos, musseques[11] toda essa mestiçagem faz do espaço angolano significativo para se pensar na independência. Mas é preciso frisar que todas as raças presentes vão se aproximando e por hora se afastando.

Dessa forma, o posicionamento político assimilacionista de Salazar em negar a existência da criação de espaços segregados em território angolano entra em conflito, pois ao observar a conjuntura social desses espaços, por exemplo, os bairros que foram criados pelas autoridades portuguesas tinham como objetivo aumentar o controle sobre a população angolana. Os espaços de regras, os códigos costumeiros, a violência da codificação social mediante as vestimentas, religião, alimentação e de outros pontos da esfera cultural dão provas da violência simbólica exercida por um viés racista.

O conceito de espaço trabalhado nesse texto envolve as ponderações do autor Yi-Fu Tuan, pois nos convida a confrontar espaço e espaciosidade, tratando da relação entre espaço e tempo na construção do lugar. Para Tuan (1983, p. 198), "O lugar é um mundo de significado organizado [...]". Espaço é um conceito mais abstrato que o de lugar. Esse espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e designamos valores. "Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais. [...] Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos [...]. (Tuan, 1983, p. 203)".

Assim, será possível pensar no espaço angolano ele estando repleto de vida que transcende seu espaço territorial evidenciando um povo repleto de significados, particularidades em busca de sua independência, pois quebrar o domínio português deixa de estar presente apenas no campo da imaginação e na prática ele ganha formas. Sendo por meio da literatura que tudo poderá se concretizar. Nesse sentido, Angola ganha força, vitalidade e seu povo ganha voz,

11 Musseque – foi um bairro ou uma aglomeração de residência pobres em Luanda, Angola.

suas carnes ganham um corpo nação. Na literatura angolana podemos reconhecer as raízes de cada indivíduo dentro da sociedade e como ele vai se condicionado a um espaço social e a sua formação de construção de pertencimento do ser negro.

2. A LITERATURA DE COMBATE NA FORMAÇÃO DO JOVEM ESCRITOR ANGOLANO

A poesia angolana é repleta de significados e é por meio dela que visualizamos o cotidiano das pessoas que lá se encontravam. Nessa literatura de combate passamos a conhecer um contexto histórico que evidencia a luta de um povo por espaços negados. Essa literatura de combate tem como definição o enaltecimento de uma história de resistência à dominação imposta pelos portugueses, de uma luta, entre outras, da palavra contra o esquecimento. É pela memória que se conhece a crença na utopia e vislumbra-se a possibilidade de ultrapassar a barbárie colonial.

As reflexões sobre os problemas da nacionalidade na literatura angolana ganha ênfase a partir de 1950 e nesse momento a revista *Mensagem,* propunha-se a realizar uma compilação das tradições culturais, da busca por uma identidade e ancestralidade angolana que se daria por diversas vias de representações. É importante destacar a revista *Mensagem* como fonte promissora e um local considerável de análise como porta-voz das aspirações de toda uma sociedade que, por muito tempo, teve sua história contada pelos olhos daqueles que eram considerados vencedores, nunca pelos olhos dos derrotados. Existia uma dificuldade de libertação em relação às representações forjadas pela literatura colonial, pois se pode observar um gosto pelas causas coloniais. Foi através da revista na qual a literatura serviria como um meio de reconstrução da história cultural, social e histórica de Angola que esteve sob a sombra da história colonial, ou seja, uma maneira de mergulhar em um mundo com histórias não contadas. Há, na revista, ilustrações, desenhos, caricaturas, vinhetas, retratos que estão dispersos em suas páginas e que provocam ressonância com o conteúdo abordado em sua parte textual. A sua estrutura organizacional está nos poemas, contos, seções fixas, por exemplo, panorama,

iniciações e questões de linguística Bantu e intercâmbio. As temáticas giram em torno do processo de urbanização de Luanda, questões sociais, raciais, de gênero, da colonização, entre outros.

É necessário frisar que o material, como um todo, incitava reflexões não apenas para um viés literário e cultural, mas também sobre a realidade social de Angola. Isso a tornou alvo da censura oficial e do aparato de vigilância. Todos os aspectos da revista indicam uma recolocação do lugar do negro e de suas representações por meio de uma perspectiva crítica. Os mensageiros produziram um material a fim de impugnar a lógica e doutrina perpetuada pelo assimilacionismo.

O exercício literário dessa poesia de combate tem como um dos seus fundamentos a relação entre experiência e literatura. A aventura da escrita parece estar entrelaçada com a singularidade da vida onde não se pode mais banir a dor, o sofrimento e o sacrifício apresentando-se como um fator a ser transformado pela linguagem.

Segundo Chaves (1994) em terras angolanas com a chegada do colonizador é que entra em vigor as leis do silêncio, cuja quebra vai precisar do recurso da memória. Só através dela que a reconstrução de uma identidade aconteceria. O poderoso recurso da memória perfaz o projeto da identidade cultural que, no caso angolano, não pode ser una, mas múltipla. E é nessa perspectiva poética que ganha voz: o corpo do guerrilheiro, o povo marginalizado pelo cativeiro da desigualdade, o posicionamento do jovem escritor angolano que não teme em suas escritas literárias ao abordam a vida simples de um povo que clama por liberdade. tendo como exemplo, o conto “Eme Ngana Eme Muene”, podemos selecionar a seguinte passagem:

> Na palhota do Manuel Carpinteiro, a companheira preparava funji, lançando, de vez em quando, olhares inquietantes para fora. O companheiro ainda não pagara o imposto e ela sabia o quanto isso podia significar. Ultimamente, ela via-o lançar-se no vinho, levado pelos amigos. Aos sábados, aparecia-lhe embebedado e apenas com uma pequena parte da feira recebida, e era ela quem tinha de manter a casa, lavando para a senhora da baixa. (...) Era dura a vida nas obras! Logo às 7 horas começava a faina, ao apito do chefe branco. E depois era trabalhar, trabalhar sem parar para não ouvir os ralhos do mestre ou suportar suas violências. (Andrade, 1952, p.15)

Em só um trecho podemos vislumbrar o olhar pontual do escritor angolano Mário Pinto de Andrade que transcorre sobre o dia a dia de uma determinada localidade em que se compõe hábitos sociais, práticas alimentares, condições trabalhistas e as possíveis violências a qual seus corpos estavam expostos. Esse conto em particular chama a atenção porque ele exerce uma função social, política, e sobretudo pedagógica. Esses três elementos estão diretamente ligados a trajetória do próprio autor a partir de sua atuação intelectual e militante.

A escolha do conto de Mário Pinto de Andrade reflete tanto na narrativa literária quanto pela fala das suas personagens que contribuem para construir os espaços sobre a realidade social de Angola. Trata a questão da desigualdade racial e social proporcionando profundas reflexões. A interação do leitor na narrativa, no drama do enredo, instiga uma verdadeira consciência da realidade na intenção de modificá-la, pois sua escrita não tem apenas uma função de denúncia. As personagens criadas (Zuzé, Carlota, entre outras) retratam a vida real de Angola, a vida no musseque é exatamente isso que transmite humanidade ao texto.

A exemplo de Mário Pinto de Andrade os demais escritores angolanos que faziam parte do seleto grupo da revista *Mensagem* partiam da escrita literária para se conquistar espaços perdidos de uma sociedade que foi sendo substituída e subordinada aos olhos do outro. A maioria desses escritores acreditavam que essa literatura de combate serviria como denúncia de um sistema de opressão a que estavam sendo submetidos. Dessa forma, esses escritores desempenhavam uma função primordial ao elencar as tradições culturais, preservar as raízes de um povo para que a revolução fosse possível implantando na consciência da população os anseios por uma nova vida a favor da independência dos seus territórios. Para isso seria necessário contemplar do imaginário para que pudesse se constituir uma nova nação.

3. O IMAGINÁRIO DA NAÇÃO: O CORPO DA MULHER E DO HOMEM ANGOLANO

Para falar em corpo antes de tudo será preciso compreender a relação de submissão em que os angolanos estavam sujeitos dentro de uma realidade

vivida, que se sedimentava e marcava seus corpos, por meio da exploração e da violência. Dessa forma, o corpo do homem e da mulher angolana sempre foi visto e posto historicamente como um objeto de exploração laboral, sexual, político. Toda essa situação provocou, na população angolana, a busca por caminhos de reconstrução da sua identidade, por meio da sua desterritorialização dos espaços em favor de uma ancestralidade como direito que fora negado à medida que o controle português ganhava força em Angola.

Os corpos dos angolanos estavam a todo momento sendo menosprezado e condicionado a um único lugar: o subalterno ou selvagem. As carnes angolanas transformadas em corpos eram narradas e representadas pelo olhar do colonizador. E toda essa situação passa a ser modificada a partir do momento em que os próprios negros e negras acentuavam novos olhares sobre seus povos. Imagens que vão muito além de pessoas que sofreram, dos seus corpos mutilados, feridos devido as relações entre colonos e nativos, onde o negro sempre foi diminuído e menosprezado.

Passa então a ganhar força no imaginário angolano aqueles corpos negros que nunca desistiram da sua luta. Os espaços que esses corpos estão ocupando representam uma função, em sua maioria são pessoas comuns, trabalhadoras, donas de casa, empregadas domésticas, ou seja, essas personagens vivem os reflexos de uma realidade social angolana. O corpo do negro é retratado de forma pejorativa em relação ao branco. Assim, é por meio da literatura que se verifica a luta desses sujeitos negros por uma tentativa de reconstrução de sua memória, pois denuncia os abusos do sistema e das estruturas sociais que prevaleceram durante todo período colonial.

Para conceitualizar corpo as análises de Michel Foucault (2013) são primordiais, pois é preciso compreender o corpo como utopia, ou seja, como uma linguagem que constrói espacialidades. O conceito de utopia é por ele definido como um lugar fora de todos os lugares e uma utopia para apagar os corpos. Sabendo então que o corpo interage com o espaço faz dele um protagonista relevante para a construção do imaginário que visualiza um nação angolana. Uma nação onde se prevalece as singularidades de um povo com toda sua complexidade. O movimento dos corpos sentidos nas narrativas literárias nos permite romper com a visão imóvel do espaço. As relações conflituosas, as

amorosas, as violências, as mutações de sensibilidades coletivas produzem espaços flexíveis nas formações dos desejos no campo social, na geografia em que os códigos, as regras se confrontam com as impostas pelos portugueses em Angola e no qual os corpos angolanos passam a se ressignificar com base nos afetos, transformando um território no momento em que se compunha com o corpo.

As escritas literárias favorecem as passagens das intensidades que percorrem os corpos nos encontros com outros corpos com os quais pretendem se entender. Mergulhar na geografia dos afetos, das resistências permite a recriação de pontes para fazer sua travessia e, de certa forma, realizar pontes de linguagens. É possível constatar que as escritas que foram produzidas eram atravessadas por diferentes espaços de códigos costumeiros, público e privado, nas estratégias de produção de subjetividade, por uma perspectiva ideológica que transparece os desvelamentos dos problemas sociais e passa a enxergar a revista *Mensagem* não apenas na dimensão literal, mas em um espaço demarcado pela política crítica, fazendo conexões entre a história e a literatura.

A postura literária da revista *Mensagem* vai de contra aos olhos do colonizador, seus escritos possuem uma postura de denúncia que serve de alerta aos abusos que a população sofria. Nesse espaço narrativo o corpo do trabalhador angolano é explorado, o corpo que chora por sentir as dores físicas e emocionais aos quais estavam subordinados. Temos como exemplo a personagem Carlota no conto “Eme Ngana Eme Muene”:

> ....“<<Carlota, meu amor, é preciso pensar que há milhões de costureiras como tu; é preciso aprender a razão por que você costura para a <sinhora> e ganha uma esmola. Você também é gente e ainda não compreendeu que é. Se você ler, verá que a costureira, o tipógrafo, o cozinheiro, o pedreiro e a lavadeira – nós todos temos olhos fechados, estamos ainda cegos e é preciso começar a ver, que estamos ainda dormindo e é preciso acordar. A <sinhora> é você mesmo. Se julga <infirior> porque a <sinhora> necessita de ter < inferiores>? O trabalho não serve a você, você serve aos outros. Assim não. Você não está vivendo>>. (Andrade, 1952, p. 27)

No trecho acima o autor direciona a narrativa para Carlota e deixa claro como seu corpo precisa ser valorizado primeiramente por ela. Nessas condições de trabalho seu corpo maquínico é facilmente substituído por outro qualquer.

Dessa forma, Mário Pinto de Andrade procura evidenciar uma identidade que foi alterada pela relação entre colonizador e colonizado. Não apenas Carlota, mas toda uma camada de trabalhadores parecem permanecer cegos diante de tanto abuso de poder. Seus corpos fragilizados são colocados a todos os tipos de situações degradantes e que é preciso acordar, como alerta o autor.

Tomando como referência o conceito de corpo-território do autor Rogério Haesbaert (2020) identificamos que ele estabelece uma análise sobre território que ultrapassa aos espaços geográficos sobre as relações de espaço-poder, especialmente entre os grupos subalternos ampliando a concepção de poder através de sua dimensão simbólica atribuída a sua construção identitária. Fica claro, que o corpo ganha relevância dentro das relações de poder, pois ele está mergulhado num campo político e totalmente interligado a economia. Passam a se sujeitar aos trabalhos disponíveis fazendo com que eles fiquem suscetíveis as relações de poder e dominação. Como no conto o corpo de Carlota torna-se útil ao mesmo tempo que é um corpo produtivo e também um corpo submisso.

Para Foucault (1994) há uma instrumentalização política do corpo que inclui inúmeras táticas e estratégias que perpassam os corpos e seus agrupamentos. Relacionando a íntima implicação entre o saber e o poder no corpo político submetendo eles a objetos de saber. O que buscam na verdade são um controle desses corpos que fazem parte de uma sociedade e que em sua maioria tentam torná-los invisíveis negando espaços legítimos para que possam proteger sua tradição e raízes. Ou mesmo negando espaços para que seu corpo tradicional lute por uma independência que por muitos anos lhe fora negada. De forma mais ampla ele afirma: “O controle da sociedade sobre os indivíduos não é feito apenas por meio da consciência ou da ideologia, mas também no corpo e com o corpo. Para a sociedade capitalista, a biopolítica é o que mais importa, o biológico, o somático, o físico.” (Foucault, 1994, p. 210)

É necessário reconhecer o controle que os portugueses mantinham sobre os indivíduos em Angola não apenas por ideologias, línguas, religião, mas sobretudo o corpo negro como objeto de exploração. A luta colonial proporcionou aos angolanos e angolanas uma oportunidade de usar seu corpo ao seu favor e utilizar o corpo desterritorializado para obter a independência.

É sintomático, contudo, que os principais protagonistas a tratar o corpo

como território foram os angolanos de forma geral, pois o corpo passa a ter um papel decisivo nas relações e na conquista por espaços. Enquanto que os europeus reconheciam o outro corpo (o angolano) como um ser sem alma já que para eles a concepção de corpo estava diretamente relacionada a presença ou ausência de alma.

As análises de David Le Breton (2012) não só atualizam o debate acerca da construção cultural do corpo, mas também procura estabelecer diálogos com os quais buscam lidar com as tensões entre natureza e cultura que atravessam a discussão acerca do corpo. Dessa maneira, os corpos angolanos são postos como emissores e receptores, pois produzem sentidos continuamente no interior de dado espaço social e cultural.

No conto, Namoro, de Viriato da Cruz ganha destaque o enaltecimento de um amor por uma mulher. Seu corpo é descrito dentro dos versos evidenciando um corpo intocável, doce, desejado, que dentro dos seus detalhes o autor se fixa em valorizar o corpo da mulher negra que tanto era objetivado e sexualizado pelo homem branco. A cena poética evidenciada por Viriato da Cruz traz também os elementos da flora angolana e os aproxima da vivência na esfera social, como também descreve pontos exóticos pertencentes à geografia angolana. “Namoro” reuni atributos da cultura popular angolana como a dança, a religião fazendo com esses elementos se complementem de forma natural ao contexto social da época.

A poesia de Viriato da Cruz vai muito além do simbolismo idealizado pela conquista, pelo amor, pelo riscar o céu, ela transcende o lugar concreto, ou seja, explora as particularidades do Bairro Operário:

> Andei barbado, sujo e descalço, como um mona-ngama (...) Para me distrair levaram-me ao baile do sô Januário mas ela lá estava num canto a rir contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário Tocaram uma rumba – dansei com ela e num passo maluco voámos na sala qual uma estrela riscando o céu! (Cruz, 1952, p. 7)

Todos os contos aqui apresentados fornecem um caminho em que cada singularidade angolana é celebrada e que por meio dessas escritas literárias é que o imaginário de uma nação passar a ser concretizado. A questão do retorno a sua ancestralidade para se reconstruir uma espiritualidade do passado, faz

parte de uma poética em que se afirma o social e o cultural. Para além de uma retomada aos elementos da natureza, é perceptível na revista o surgimento dos outros elementos do campo cultural, sendo eles, música, arte, religião. É interessante perceber que na revista *Mensagem* mesmo colocando em destaque os elementos tradicionais isso não reduz a realidade do contexto em que a obra foi produzida.

Nas páginas da *Mensagem* é possível perceber a construção de uma angolanidade literária em que revelaria sua função social por meio dos contos, poemas, poesias contidos nela. Essa literatura regionalista lança representações sociais centradas no sujeito enquanto agente transformador do meio. Dessa forma, passamos a sentir uma sociedade que é representada pelas narrativas em que exaltam os elementos internos como verdadeiros testemunhos sociais de lugares obscurecidos pelo subdesenvolvimento.

É dentro desse contexto, que Mário Antônio Fernandes de Oliveira nos apresenta – Cipaio – um poema que revela uma sociedade repleta por desigualdade social, racial, em corrupção e também representa uma crítica sobre a questão laboral em Angola. O poema trata dos elementos atualizados a partir do contexto social e da realidade que as experiências eram vividas pelos angolanos.

> No dia seguinte, a companheira pediu à patroa que fosse falar ao Chefe do Posto, no Manuel. Ela recusou-se, porém.
> Sim. Porque não pagara ele o imposto? Os pretos eram mesmo assim; por isso não adiantavam. Em vez de pagar o imposto, gastava o dinheiro em vinho. Agora que se arranjasse! Que ela não deixava de ter pena da rapariga! Mas esta que sossegasse: que homens como o seu, que gastavam todo o seu dinheiro no vinho não eram precisos...
> A rapariga ficou desolada, chorou. E todo aquele dia, sentava à celha, a esfregar a roupa branca da patroa, cantou, numa lamurienta melopeia por onde se escoavam todos os seus sofrimentos. (Oliveira, 1952, p. 16)

Por meio do poema fica claro que os espaços na sociedade angolana entre brancos e negros estavam a todo momento sendo demarcados. Os corpos negros que para os brancos não tinham valor estariam sempre condicionados aos trabalhos mais árduos, a um estigma que era associado ao que não prestava. E que o homem branco deveria estar a todo momento sendo o interlocutor de apropriação desses espaços. A construção dos espaços

corpóreos indica que o corpo também pode ser utilizado para se pensar nação. Nesse sentido para Homi Bhabha:

> O objetivo da diferença cultural é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste à totalização - a repetição que não retornará como o mesmo, o menos-na-origem que resulta em estratégias política e discursivas nas quais acrescentar não soma, mas serve para perturbar o cálculo de poder e saber, produzindo outros espaços de significação subalterna (Bhabha, 1998, p. 228)

O sujeito é constituído através dos lócus do outro sendo visto como objeto de identificação ambivalente, onde sua identificação não é pura, ela é sempre construída em um processo de substituição, deslocamento e projeção. Essa diferenciação cultural indaga formas de identidades que por causa da sua implicação ininterrupta em outros sistemas simbólicos passam a ser sempre incompletas e mesmo abertas à tradução cultural.

Essa postura corporal para pensar a nação se coloca em confronto com a língua racista. Parece surgir através do processo de disseminação, de tempo, significado, povos, tradições históricas e fronteiras culturais que a alteridade provinda da cultura angolana proporcionaria novas formas de viver e escrever.

Assim, nas páginas da revista *Mensagem* encontramos contextos sociais que envolve uma busca por espaços físicos, simbólicos. Espaços esses que foram usurpados pelos portugueses em sua chegada e que através das relações de poder os angolanos foram sendo colocados as margens em sua própria terra.

Em Angola, o advento da Negritude está presente em vários artigos contido na revista *Mensagem* como, por exemplo, a publicação de “Mamã Negra” em 1950 de Viriato da Cruz. Também encontramos a chegada dos sopros negritudinistas a partir de 1952 com António Jacinto. É importante ressaltar que Mário Pinto de Andrade articula essa comunicação entre os mensageiros a favor de uma fala sobre denúncias em que os expoentes do movimento negritudinista possibilitem novos caminhos para uma revitalização da herança cultural, social negra africana e é justamente dentro desse enredo que a *Mensagem* sugere esse cruzamento literário.

A poesia passa então a ser o domínio privilegiado e o mais imediato da expressão literária de liberdade nacional. Essa criação literária constitui para as

gerações futuras uma referência à sua conscientização da poesia africana. Esses poetas narram uma realidade que seriam ultrapassadas pela evolução do combate político. Os acontecimentos políticos provam o caráter interdimensional das lutas dos povos em sua marcha para a libertação do domínio colonial. E a consequência de toda essa engrenagem de liberdade no imaginário das pessoas através da literatura passam a refletir sobre seus corpos concretizando ao evento que aconteceu no dia 11 de novembro de 1975, quando o então primeiro Presidente de Angola, Agostinho Neto, proclamou a independência de Angola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Angola é feita por diversos corpos, sendo eles: negros, brancos e mestiços. A população angolana sentiu em suas carnes todos os reflexos negativos de uma relação de poder imposta pelos portugueses que buscavam enriquecer e explorar suas riquezas sejam elas naturais ou humanas. E foi nesse espaço urbano angolano tão segregado e estratificado que tudo aconteceu e que se configurou as situações de caráter social, econômico e cultural. O que estimula o desenvolvimento de uma cultura política de cunho nacional provinda de uma elite negra africana. Assinalando em seu imaginário a valorização de um passado consolidando espaços que retratam um novo mundo angolano pautado na resistência.

O papel da literatura foi de suma importância para que o imaginário da população fosse estimulado e orientado em favor de uma luta para se conquistar a independência. Através da revista *Mensagem* com suas narrativas literárias se confirma o quão é necessário abrir espaços para novas discussões, pensamentos, análises de uma história contada pelos vieses dos vencedores e não pelo dos vencidos. A ideia de uma visão particular sobre as vivências de um povo que por muito tempo foi menosprezado, anulado e silenciado pelo outro passa a ser exaltado pelos seus. É preciso dar vozes a esses povos na tentativa de se obter uma vida mais digna e justa. Neste sentido, podemos afirmar que a revista *Mensagem* idealizada pelos escritores e escritoras negras emitiam vozes afim de um caráter humanista confirmando uma angolanidade literária que teria como consolidação um caráter totalizante, sobretudo na construção de um novo

espaço angolano não só territorial, mas também simbólico.

A percepção dos corpos angolanos como uma superfície moldada provisoriamente seja em seus aspectos físicos e materiais, simbólicos e discursivos se propõe a ressaltar as posturas, as línguas, os gestos, os posicionamentos evocados pelos angolanos nas narrativas literárias como resultados de inscrições históricas ligadas a um contexto sociocultural. Dessa forma, o artigo em questão vai além da abordagem em torno de um espaço dado como natural ou estático. E foca no movimento dos corpos sentidos nas narrativas literárias que nos permite romper com a visão imóvel do espaço.

As relações conflituosas, amorosas, as violências, as mutações de sensibilidades coletivas produzem espaços flexíveis nas formações dos desejos no campo social, na geografia em que os códigos, as regras se confrontam com as impostas pelos portugueses em Angola e no qual os corpos angolanos passam a se ressignificar com base nos afetos, transformando um território no momento em que se compunha com o corpo.

Em suma, é preciso ter atenção para que possamos refletir sobre a história da colonização e entendermos que não existe uma história absoluta sobre esse processo. E que hoje mais do que ontem temos que dar vozes aos povos que foram silenciados. É necessário um novo olhar para o pós-colonialismo proporcionando novos espaços e lugares de falas para quem de fato sentiu em suas carnes os abusos dessa relação. A literatura se mostra como um dos caminhos seguros para situarmos tais questões e conhecermos a luta, a força, o corpo e o desejo de toda uma comunidade sedenta por liberdade em construção.

REFERÊNCIAS

ALVES, Amanda Palomo. ***"Angola segue em frente"*:** um panorama do cenário musical urbano de Angola entre as décadas de 140-1970. Tese (Doutorado em História - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense) Rio de Janeiro, 2015, 216 p.

ANDRADE, Mário Pinto de. **Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola,** Eme Ngana Eme Muene - Luanda, ano 2, nº 2/4, p. 15, 1952.

ANDRADE, Mário Pinto de. **Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola,** Eme

Ngana Eme Muene - Luanda, ano 2, nº 2/4, p. 27, 1952.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Ed. UFMG: Belo Horizonte, 1998.

BITTENCOURT, Marcelo. ***As linhas que forma o "EME":*** um estudo sobre a criação do Movimento Popular de Libertação em Angola. Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Antropologia. Universidade de São Paulo, 1996.

CHAVES, António Jacinto. A poesia angolana: contra a corrente, a favor da esperança. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos,** USP – São Paulo, vol. 16-17, p. 183-193, 1993/1994.

CRUZ, Viriato da. **Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola,** Namoro - Luanda, ano 1, nº 2/4, p.7, 1952.

FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits.** Vol. 3, Paris, Gallimard, 1994.
FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: n-1 Edições, 2013.
HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia,** Rio de Janeiro, vol. 22, n° 48, 2020.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. **Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola**, Cipaio - Luanda, ano 1, nº 1, p.16, 1952.

PEPETELA. Breve resenha do crescimento de Luanda. **Estudos Afro-Asiáticos**, n° 32, p. 237-244, 1997.
RAMOS, K. H. A angolanidade literária nas páginas da Revista *Mensagem* (1951-1952). **Revista Transversos.** "Dossiê: Áfricas e suas diásporas". Rio de Janeiro, nº. 10, pp.277- 296, Ano 04. ago. 2017. Disponível em: ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.29973.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo**.** 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.
SILVÉRIO, Valter Roberto. **História Geral da África:** século XVI ao século XX. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.